



XXXI Congresso de
Iniciação Científica
----- Unicamp



ESTÉTICAS PERIFÉRICAS: A VISIBILIDADE DA DANÇA HIP HOP

Bolsista: Mariana Rolim Rodrigues

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carolina Cantarino Rodrigues

Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (FCA – UNICAMP)

Resumo

Em resposta a séculos de segregação e hierarquização social, a sociedade atual possui cicatrizes de culturas e valores enviesados. Dentre as diversas áreas afetadas por ideais contrastantes está a arte. Vista como ferramenta essencial para autoexpressão, o meio artístico possui grande notoriedade comunitária, podendo sua função estender-se desde passatempos até formação acadêmica e profissional. Entretanto, conseqüente ao descaso com a população periférica, muitas formas de arte não são devidamente valorizadas; transformando múltiplas expressões culturais em interesses marginais. Dentre as várias artes, a dança possui uma extensa carga histórica e ampla importância social. Dessa forma, essa pesquisa tem o intuito de investigar o peso da arte criada por grupos periféricos e, mais especificamente, explorar a percepção do hip hop no mundo da dança e da música. Para tal fim, será feita a coleta de materiais bibliográficos relacionados ao assunto, assim como o mapeamento de trabalhos acadêmicos e cinematográficos conhecedores do debate. Finalmente, para maior aplicação prática, será mencionado o projeto *break no capão* como objeto exploratório de ações corporativas possivelmente contribuintes ao incentivo desta forma artística.

Palavras-chave: Arte. Estética. Periferia. Dança. Hip hop.

Introdução

O seguinte relatório se apresenta como uma forma de introduzir o papel do estilo de dança hip hop no contexto atual, apontando as diversas dificuldades a serem enfrentadas por aqueles praticantes dessa arte e o desempenho que corporações privadas poderiam proporcionar a estes artistas com certos incentivos.

Há uma discussão frequente a respeito do papel artístico como uma forma de comunicação da alma. No entanto, percebe-se que a segregação social é de grande influência no proveito dessa língua.

Uma perspectiva de análise dessa tese é por meio dos diversos tipos de dança. No século XVII, Luís XIV foi responsável por grande parte do fortalecimento do ballet, sendo ele mesmo participante da apresentação “*Ballet de La Nuit*” (NUNES, 2015). Entretanto, observa-se que, como resultado de tamanho investimento artístico voltado para as camadas mais ricas da sociedade, o Ballet passou a ser um estilo exclusivo da nobreza. Conseqüentemente, ao longo dos séculos, as massas populares tiveram de encontrar suas próprias formas de expressão cultural; muitas delas com o objetivo de denunciar o privilégio elitista à arte. Todo esse processo

de moldar uma forma de expressão para as classes mais baixas resultou em uma estética muito mais crua e honesta.

O hip hop é uma cultura periférica amplamente notada, apesar de não igualmente compreendida. Surgiu pelos bairros marginais de Nova York com o objetivo de evitar brigas corpo a corpo (FOCHI, 2007) e protestar contra a então ocorrida Guerra do Vietnã (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, 2011). Dessa forma, ao invés de violência, ganhariam aqueles com rimas complexas ou passos fisicamente mais exigentes. Entretanto, a funcionalidade dessa cultura não parou por aí, e muitas das suas intenções são mal interpretadas.

A cultura do hip hop também pode ser vista, nesse caso, como uma forma de conectar as pessoas da periferia a atividades exigentes de maior de intelecto e percepção. Isso porque são exigidos passos de dança ou palavras do rap mais carregados de significado para que o artista seja recompensado no círculo social. Quando veio ao Brasil na década de 80, era fonte de conscientização (MAGRO, 2002), diversão e aumento da autoestima popular de baixa renda.

Dessa forma, grupos compostos por rappers, dançarinos e grafiteiros reúnem-se a fim de compartilhar "conteúdos que não são abordados com profundidade na escola formal (como, por exemplo, o da questão racial e origem étnica do povo brasileiro) e para a produção artística e cultural" (MAGRO, 2002, p.70).

"É por meio destes três elementos, o break, o grafite e o rap que o hip hop apareceu e se difundiu no Brasil e pelo mundo. Eles funcionam como um meio, um instrumento de propagação daquilo que alguns autores denominam o quarto - e, ao nosso ver, mais importante - elemento do hip hop: o conhecimento". (FOCHI, 2007, p.64)

Assim, é necessário estudar essas formas de comunicação para entender os sentimentos das pessoas que convivem em sociedade. E, dessa forma, compreender que, apesar de serem vistos pelas elites como meios perdidos, a periferia tem muito a oferecer.

Metodologia

Por meio de tais reflexões, o trabalho acadêmico apresentado originou-se de certos questionamentos e pontuações. Qual o significado desse estilo de dança para as comunidades envolvidas? De que forma ela pode contribuir para o entendimento da sociedade e para o futuro dos praticantes dessa expressão artística? De que forma pode-se dizer ou não que está ganhando maior reconhecimento?

Os estudos foram iniciados por coletas de materiais bibliográficos em plataformas acadêmicas como a SciELO e o Google Acadêmico, as quais, é importante destacar, possuem grande reconhecimento em passos iniciais de educação e pesquisa, contendo diversos materiais introdutórios e aprofundados a respeito de diversas temáticas.

A procura de mídias de entretenimentos como filmes e séries foi realizada por intermédio de plataformas mais comuns como o YouTube e o Google, assim como plataformas de streaming mais específicas como a Netflix, Disney+ e Amazon, apenas para fins exploratórios de como tais ferramentas de produção cinematográficas se interessam, apoiam ou visualizam o tema em questão.

Finalmente, a fim de manusear um aspecto mais prático e palpável, foram realizadas reuniões com organizadores de institutos e projetos de break que lidam com uma perspectiva mais burocrática de aprovações de planos voltados ao incentivo de dançarinos de break.

Discussão

1. O hip hop

É comum associar o termo hip hop puramente a estilos artísticos de linguagem, música e artes corporais, mas ele se apresenta como algo muito maior do que isso (FOCHI, 2007). Surgiu na década de 70 nos subúrbios de Nova York e Chicago, como uma forma de estabelecer laços entre grupos desamparados e submetidos a ambientes repletos de violência, pouca renda, drogas, racismo e incompetência governamental

Dessa forma, em meio às essas faltas, tais círculos sociais tinham que encontrar formas de manterem-se resilientes e “enfrentar o problema com os recursos da própria comunidade, sem depender de influência ou apoio externo, já que o governo [...]” (ROSE, 1997, p.202) foi o principal instigador desse contexto. Ou seja, é uma língua viva que absorve o senso de algo que foi destruído, reestruturando-o de forma a criticar o que há de errado com o sistema e exigir reconhecimento e melhores condições, instituindo, assim, famílias que passam pelas mesmas dores e dificuldades (FOCHI, 2007). Bailes eram organizados com a finalidade de conter brigas e o grafite era uma forma de delimitar territórios sem a necessidade de violência.

Em diversas circunstâncias, era possível tirar oportunidades de tais meios sociais, como a equipe “*Universal Zulu Nation*, que tinha como líder o DJ Afrika Bambaataa - reconhecido como fundador oficial do Hip- Hop - a qual acabou transformando-se em instituição internacional ao longo dos tempos” (FOCHI, 2007 p.62).

Assim, é possível afirmar a importância que tais expressões artísticas se dão no estímulo ao conhecimento e à procura de despendar as energias em meios de aperfeiçoamento e criatividade, ao invés de desvios a negócios ilícitos e prejudiciais.

“O hip hop é muito mais que música e dança, muito mais que pular e requebrar - significado literal da tradução em inglês do termo. Ele busca conscientizar, educar, humanizar, promover, instruir e divertir os moradores da periferia, além de reivindicar direitos e o respeito a esse povo” (FOCHI, 2007 p.63).

2. A visibilidade do *Break*

Do inglês “quebrar”, o *break* se apresenta como um estilo de dança que surgiu na época da Guerra do Vietnã, protestando contra a intromissão estadunidense na batalha através de passos que remetiam à quebra de soldados e instrumentos de luta. Conforme o movimento ficou mais popular, os passos ganharam reconhecimento e poderiam representar diversos aspectos da guerra, como o ato de girar o corpo no chão com as pernas para o ar, lembrando o movimento de um helicóptero (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, 2011).

Ou seja, desde o princípio, o *break* se apresenta como uma mistura de esporte e arte com cunho político, de forma a lutar pela democratização das relações sociais. Por isso, geralmente, é associado a conceitos de liberdade em meios midiáticos de entretenimento como séries e filmes. É importante estressar que não foram encontrados muitos documentários voltados à temática do estilo de dança em si, sendo as obras cinematográficas nas plataformas exploradas de aspectos musicais ou sobre ballet. Dessa forma, a referência que pôde ser encontrada nos aplicativos foi a de produções com a finalidade de divertimento, contando não histórias da cultura, mas de personagens fictícios passando por um romance ou *slice of life*.

Entretanto, é interessante perceber como o hip hop é retratado em tais produções como uma válvula de escape, uma forma de bailarinas confinadas ao estilo tradicional da dança fugirem de certas restrições e encontrarem sua verdadeira essência artística, como nos filmes “Let’s Dance (2019)”, “Batalhas (2018)” e “Break: o poder da dança (2018)”.

3. Projeto *Breaking* no Capão

Visto os argumentos apresentados anteriormente, é seguro dizer que o estilo de dança hip hop originou-se e foi visto por muito tempo como uma prática marginalizada, e que, apenas recentemente, tem sido mais compreendida. Um grande feito que demonstra tal fato é o reconhecimento do break como modalidade olímpica para os jogos de 2024 em Paris (REDAÇÃO DO GE, 2022).

O projeto *Breaking* no Capão utiliza da ideia de aproveitar uma área remanescente do capão redondo (Linha 5 lilás) para fazer um espaço cultural de formação para atletas do *break*. O projeto foi reconhecido em 14 de outubro de 2021 e prometeu um espaço de lazer e cultura, estruturalmente sustentável e com espaços multiuso. A fim de entender como se dava o andamento do projeto, foram realizadas reuniões com as assistentes administrativas do projeto, Aiely Freire e Maria Luana Paiva. Inicialmente, era-se divulgado que espaço estria ativo dentro de 6 meses (PORTAL DO GOVERNO, 2021), no entanto, foi notório o atraso envolvido no desenvolvimento do projeto, estando ele, até o momento, ainda em progresso.

Aiely comentou, ainda, que era de intenção dos envolvidos entregar o espaço por volta de maio deste ano, visto os atrasos ocorridos, no entanto, infelizmente, este prazo também não foi cumprido. Dessa forma, é notório o interesse em desenvolver projetos voltados à nutrição destes talentos, mas questões burocráticas ainda são muito presentes em retardar o andamento dos processos.

Apesar de o cronograma não ter sido seguido, o que é uma pena visto a diminuição do tempo de preparo que os atletas terão para os Jogos Olímpicos do próximo ano, a intenção do projeto permanece como extremamente benéfica; Aiely comentou, ainda, sobre este ser um plano pensado a longo prazo, que desenvolverá jovens da comunidade para terem contato com cultura e arte, além de incentivar a desmitificação de conceitos sobre expressões marginalizadas nos grupos sociais da região. Os desenvolvedores desejam que sejam um centro de treinamento e formação profissional para áreas que vão além da dança.

Assim, é importante que corporações possam atuar no encorajamento de tais movimentos. Aiely destacou a importância da área de sustentabilidade da CCR, a qual, há anos, desenvolve propostas direcionadas à propagação de conhecimento, cultura e celebração da diversidade no geral. Elas fazem trabalhos de exposição, campanhas de saúde, esquemas de conscientização para pessoas PCD e LGBTQIAPN+ e realizam tais programas por meio de projetos incentivados, ou seja, leis de incentivo. Já foram realizadas campanhas de break na Estação Luz, por exemplo, com o objetivo de semear o real significado da arte, pois, de acordo com a Aiely, eles acreditam que o preconceito será diminuído conforme o conhecimento verídico é compartilhado.

Conclusão

O hip hop ainda é fruto de cicatrizes recentes, e, conseqüentemente, ainda é muito mal compreendido, no entanto, o interesse pela arte e pela cultura tem se mostrado cada vez mais essencial para a expressividade humana na sociedade contemporânea; de forma que, adaptações têm sido realizadas com o intuito de acolher culturas diversas e escutar diferentes vozes. A iniciação de projetos como o *Breaking* no Capão ou o reconhecimento do hip hop como modalidade olímpica para 2024 demonstram a notoriedade que os estilos de arte periféricos estão ganhando, no entanto, por questões burocráticas de aprovação de obras e trâmites governamentais, tais projetos ainda tem dificuldade em se desenvolverem. Dessa forma, corporações privadas podem contribuir significativamente despendendo seus recursos e funcionários em áreas voltadas para o desenvolvimento de comunidades e projetos visando a construção de oportunidades a longo prazo.

Agradecimentos

Meus agradecimentos a toda a comunidade de pesquisa criada nesta universidade que preza pela contante busca de conhecimento e aceitação. Quero agradecer à Carol por aceitar a ideia tão prontamente e colaborar comigo desde o começo. Aprecio, também, todos os envolvidos nos projetos estudados, especialmente Aiely, Malu, Diana e Igor que se prontificaram a participar da pesquisa e criam lindos projetos para comunidades em prol da arte e da cultura.

Bibliografia

AZEVEDO, Amailton Magno. Estética negra e periférica: filosofia, arte e cultura. **Revista de Teoria da História**. v. 22, nº 02: 36-51, 2019. - Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/59887>>. Acesso em: 08/03/2023.

FOCHI, Marcos A. B. Hip hop brasileiro: tribo urbana ou movimento social?. **FACOM**, v.17: 61-69, 2007. Disponível em: <https://www.fAAP.br/revista_faap/revista_facom/facom_17/fochi.pdf>. Acesso em: 11/05/2022.

MAGRO, Viviane M. de Mendonça. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop. **Caderno Cedes**, v. 22 (57): 63-75, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/ZkVgvrHCqkbKKRTBfmTTYPc/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 11/05/2022.

NUNES, Bruno B. **As danças de corte francesa de Francisco I a Luís XIV: história e imagem**. Pelotas, 2015. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/ppgh/files/2017/09/Disserta%C3%A7%C3%A3o-BBN-06-04-2016-vers%C3%A3o-final-corrigida.pdf>>. Acesso em: 12/05/2022.

PORTAL DO GOVERNO. **Governo de SP lança projeto “Breaking no Capão” de olho nos Jogos Olímpicos de Paris**. 14/10/2021. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/governo-de-sp-lanca-projeto-breaking-no-capao-de-olho-nos-jogos-olimpicos-de-paris-2/>>. Acesso em: 30/07/2023

REDAÇÃO DO GE. **Você conhece o Breaking? Descubra 5 curiosidades da nova modalidade olímpica**. Rio de Janeiro, 19/02/2022. Disponível em: <<https://ge.globo.com/programas/verao-espetacular/noticia/2022/02/19/voce-conhece-o-breaking-descubra-5-curiosidades-da-nova-modalidade-olimpica.ghtml>>. Acesso em: 30/07/2023

ROSE, Trícia. **Um estilo que ninguém segura: Política, estilo e a cidade pós industrial no hip hop**, in HERSCHMANN, Micael (org). Abalando os anos 90:funk e hip hop: globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Break. Disponível em: <<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=139>>. Acesso em: 30/07/2023